



## **PEDRA DO INGÁ, PAI SUMÉ E A POSSÍVEL RELAÇÃO COM O RELATO BÍBLICO DO DILÚVIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA**

---

### ***INGÁ STONE, FATHER SUMÉ, AND THE POSSIBLE CONNECTION TO THE BIBLICAL ACCOUNT OF THE FLOOD: A CRITICAL ANALYSIS***

#### **Matusalém Alves**

Doutor em Educação pela Universidade de Buenos Aires – UBA; professor de Pré-História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; coordenador Adjunto do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba; subcoordenador do Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA; coordenador do Núcleo de Estudos Pré-Históricos – NUEPH/UEPB.

**Email:** matusala@terra.com.br

#### **Michelson Borges**

Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST; pós-graduado em Biologia Molecular pela Universidade Cândido Mendes – UCAM; bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – USFC; editor da revista Vida e Saúde.

**E-mail:** michelson.borges@gmail.com

Artigo enviado em: 12 de novembro de 2024.

Aceito em 22 de dezembro de 2024.

#### **Resumo:**

A Pedra do Ingá, um dos mais importantes sítios arqueológicos do Brasil, localizado no estado da Paraíba, apresenta inscrições rupestres que têm despertado o interesse de pesquisadores, curiosos e estudiosos de diversas áreas. Entre as várias interpretações, surgem teorias que conectam essas inscrições a relatos bíblicos, como o dilúvio de Gênesis, e às lendas indígenas sobre a figura do Pai Sumé, ser mítico que teria deixado marcas e ensinamentos pelo território brasileiro. A música popular também incorporou esse mistério, como exemplificado na canção “Segredos de Sumé”, de Zé Ramalho, que menciona Pai Sumé em uma narrativa rica em símbolos. Este artigo busca explorar as relações entre a Pedra do Ingá, o Pai Sumé e os relatos bíblicos, analisando tanto a perspectiva arqueológica quanto cultural, incluindo elementos da tradição oral e musical nordestina. Embora intrigantes, as conexões entre esses elementos ainda permanecem no campo da especulação.

**Palavras-chaves:** Pedra do Ingá; Itacoatiara; Pai Sumé; inscrições rupestres; arqueologia; dilúvio de Gênesis.

**Abstract:**

The Pedra do Ingá, one of the most important archaeological sites in Brazil, located in the state of Paraíba, features rock inscriptions that have sparked the interest of researchers, enthusiasts, and scholars from various fields. Among the many interpretations, theories emerge linking these inscriptions to biblical accounts, such as the Genesis flood, and to Indigenous legends about the figure of Pai Sumé, a mythical being said to have left marks and teachings across Brazilian territory. Popular music has also embraced this mystery, as exemplified in the song “Segredos de Sumé” by Zé Ramalho, which references Pai Sumé in a narrative rich with symbols. This article seeks to explore the connections between the Pedra do Ingá, Pai Sumé, and biblical accounts, analyzing both the archaeological and cultural perspectives, including elements of Northeastern oral and musical traditions. While intriguing, the links between these elements remain within the realm of speculation.

**Keywords:** Inga Stone; Stoneltacoatiara; ItacoatiaraFather Sume; Sumerock inscriptions; inscriptionsarchaeology; archaeologyGenesis flood.

\*\*\*

## INTRODUÇÃO

A Pedra do Ingá, também conhecida como Itacoatiara do Ingá, é um sítio arqueológico localizado no município de Ingá, no estado da Paraíba, Brasil. Trata-se de uma rocha com 24 metros de comprimento e 4 metros de altura, coberta por inscrições rupestres que datam de milhares de anos. As formas geométricas, espirais e símbolos misteriosos continuam a intrigar estudiosos de diversas áreas, como arqueologia, antropologia, teologia e até da ufologia. Teorias populares sugerem que as inscrições podem estar relacionadas a antigos relatos bíblicos, como o dilúvio narrado no livro de Gênesis, ou a civilizações antigas mencionadas nas Escrituras Sagradas.

A Bíblia é um livro especial. Escrita por várias mãos, ela apresenta o Deus Criador e evidencia que a intuição humana leva a compreendê-Lo. Pesquisar tradições populares e eventos naturais possibilita desvendar mitos e desvelar o objeto da ciência. A Pedra do Ingá oferece essa possibilidade de pesquisa, porque é verdadeiramente um monumento arqueológico localizado em um terreno rochoso, que conta com diversas inscrições e desenhos rupestres entalhados em rocha. E pode oferecer, também, a possibilidade de uma interface de pesquisa com relatos bíblicos como pano de fundo.

O monumento foi chamado de Itacoatiara, palavra que vem da língua tupi e que significa pedra pintada. Esse tesouro arqueológico existe desde os tempos da colonização portuguesa no Brasil. Segundo Vanderlei de Brito, em seu livro *A Pedra do Ingá* (2017), “o sítio, eleito Monumento Nacional, ocupa um hectare de área e é tombado desde 30 de novembro de 1944 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (SPHAN), por indicação do Museu Nacional e iniciativa do professor José Anthero Pereira Júnior, sendo o segundo monumento pré-histórico tombado em nosso país”.

Brito registra que a Pedra do Ingá só entrou para o universo dos estudos acadêmicos a partir de 1941, quando os pesquisadores Leon Clerot e Mário Mello fizeram os primeiros registros fotográficos do monumento rupestre. Posteriormente, eles enviaram as fotos para serem analisadas por um especialista na Universidade de São Paulo.

No artigo “Os ensinamentos de Sumé e a tradição Itacoatiara no contexto da Pedra do Ingá: pontes de contato com a narrativa bíblica do dilúvio”, Matusalém e Washington afirmam que “desde o século 18 esse monumento gráfico é notificado e descrito em documentos como revistas, jornais e artigos científicos”. Eles lembram que “alguns estudiosos correlacionam a Itacoatiara ao mito de Sumé, enigma que abrange todo o continente americano. Sumé tem sido identificado como o apóstolo Tomé, que teria passado pelo Brasil e deixado suas pegadas em baixo relevo nas rochas”.

Segundo os autores, a Pedra do Ingá é composta de um afloramento de origem gnáissica (rocha metamórfica, originada da deformação de rochas sedimentares ou ígneas, que sofreu altas temperaturas e pressões) que divide no local o Rio Bacamarte em dois braços. O referido monumento é identificado arqueologicamente por possuir um conjunto de figuras rupestres gravadas em baixo relevo com delicados acabamentos e polimentos. Esse conjunto rupestre está distribuído de maneira assistemática em três painéis distintos, os quais geralmente são divididos da seguinte maneira: o painel principal – encontra-se em um paredão com aproximadamente 24 metros de comprimento por três de altura, o qual está decorado com grafismos puros, geométricos, representações antropomorfas, zoomorfas e fitomorfas, além de capsulares; o segundo painel está estampado no piso inferior logo abaixo do painel principal e está representado por figuras que lembram astros celestes por estarem interligados dando a ideia de constelações; o terceiro painel pode ser observado no piso superior, logo acima do painel principal; possui menor quantidade de grafismos em relação aos demais, e são, na maioria, representações esquemáticas e de menor profundidade. Além dos três painéis citados, existem outros grafismos distribuídos na fase norte do paredão rochoso que abriga o painel principal (OLIVEIRA, 2011).

Além de seu impacto arqueológico, a Pedra do Ingá também se tornou um símbolo na cultura popular brasileira. A música “Segredos de Sumé”, do cantor e compositor Zé Ramalho, evoca mistérios associados a figuras mitológicas e a antigas tradições da região Nordeste. Ramalho faz referência a lendas e segredos ligados a Sumé, figura mítica considerada um sábio que teria ensinado os povos nativos. Essa conexão entre história, mitologia e música enriquece a interpretação cultural do monumento.

Este artigo busca discutir a viabilidade dessas hipóteses, considerando evidências arqueológicas e as conexões simbólicas estabelecidas pela cultura popular,

como a de Zé Ramalho. Além disso, explora os desafios enfrentados por essas interpretações à luz do conhecimento científico.

Sítio Arqueológico Pedra do Ingá - Esquema dos painéis do Conjunto principal

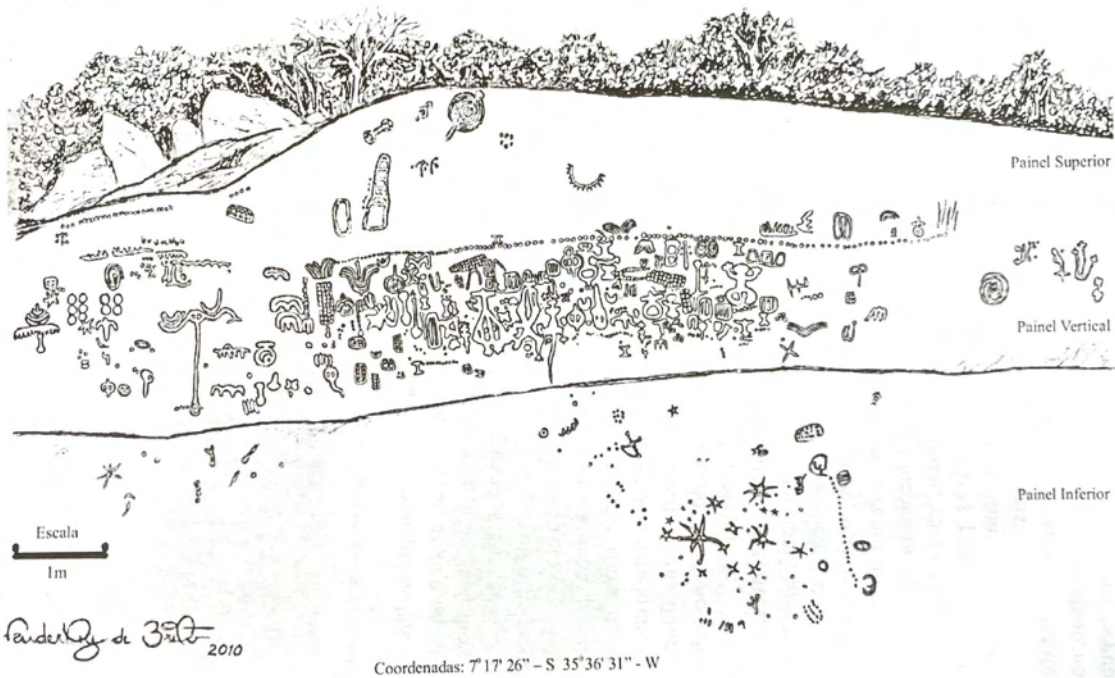


Ilustração constante no livro *A Pedra do Ingá*, de Vanderlei de Brito (p. 17)

## PEDRA DO INGÁ: PANORAMA HISTÓRICO

A Pedra do Ingá possui inscrições que até hoje não foram completamente decifradas. As gravações apresentam figuras geométricas, espirais, animais e formas que parecem representar constelações, como a constelação de Órion. As investigações arqueológicas sobre o sítio começaram no século 20, com especulações sobre sua origem e propósito. Estudiosos acreditam que as inscrições representem aspectos do cotidiano de povos indígenas que habitaram a região há cerca de 6.000 anos, possivelmente os Tapajós ou outros grupos tupi-guarani. No entanto, a ausência de consenso sobre a datação e função exatas dessas inscrições levou a várias especulações, incluindo teorias que envolvem influências de civilizações distantes ou até hipóteses sobre origem extraterrestre.

Esse tipo de ideia ganhou força em 1969, quando o escritor suíço Erich von Däniken publicou seu *best-seller Eram os Deuses Astronautas?* Nele, Däniken sustenta que muito tempo atrás extraterrestres teriam visitado a Terra e criado o ser humano por meio de mutação artificial, e que os muitos mistérios pré-históricos ainda sem solução seriam vestígios deixados por esses visitantes de outros mundos. “Nos anos 1970, Däniken publicou uma foto da Pedra do Ingá num de seus livros, dizendo tratar-se de indício da presença de antigos cosmonautas na região, sendo o primeiro a aventar essa hipótese para os relevos de Ingá. [...] Segundo Carlos Azevedo, Däniken

desencadeou a onda irracional que afetou muitos estudos na área da arqueologia” (Brito, 2017).

A interpretação cultural de Zé Ramalho em “Segredos de Sumé” sugere uma conexão entre as antigas tradições locais e as histórias sobre Sumé, figura enigmática que teria vindo do mar para ensinar os nativos. Essa referência contribui para o mistério que cerca a Pedra do Ingá e reforça a ligação entre o monumento e as narrativas de contato com seres superiores.

A letra do compositor Zé Ramalho diz o seguinte:

Quando as tiras do véu do pensamento / Desenrolam-se dentro de um espaço  
/ Adquirem poderes quando eu passo / Pela terra solar dos cariris / Há uma  
pedra estranha que me diz / Que o vento se esconde num sopé / E que o fogo  
é escravo de um Pajé / E que a água há de ser cristalizada.  
Nas paredes da pedra encantada / Os segredos talhados por Sumé.  
Um Cacique de pele colorida / Conquistou docilmente o firmamento / Num  
cavalo voou no esquecimento / Dos saberes eternos de um druida / Pela terra  
cavou sua jazida / Com as tábuas da arca de Noé / E como lendas que vem do  
Abaeté / E como espadas de luz enfeitiçada.  
Nas paredes da pedra encantada / Os segredos talhados por Sumé.  
Cavalcando trovões enfurecidos / Doma o raio lutando com plutão / E nas  
estrelas, cometas de um sertão / Que foi um palco de mouros enlouquecidos  
/ Um altar para deuses esquecidos / Construiu sem temer a Lúcifer / No  
oceano banhou-se na maré / E nas montanhas deflorou a madrugada.  
E nas paredes da pedra encantada / Os segredos talhados por Sumé.  
Sacrifique o cordeiro inocente / Entre os seios da mãe d’água sertaneja /  
Numa peleja de violas se deseja / É que o Sol se derrube lentamente / Que a  
noite se perca de repente / Num dolente piado de Guiné / E nos cabelos da  
Ninfa Salomé / E nos espelhos de tez enluarada.  
Nas paredes da pedra encantada / Os segredos talhados por Sumé.

Brito (2017) comenta que o disco pós-tropicalista “é expoente pioneiro de uma corrente mística sobre as inscrições do Ingá, onde seus petróglifos são vistos como obra de um deus cósmico e indicam através dos quatro elementos uma sabedoria milenar de caminhos estelares, cuja pedra seria um templo no roteiro de Sumé. [...] Bem ao estilo Zé Ramalho, [o disco] ‘Paêbirú’ é onde a mitologia sertaneja fantástica se funde com a arqueologia”.



Autores visitam as itacoatiaras da Pedra do Ingá, no município de Ingá (11/2/2024)

## O ENIGMÁTICO PAI SUMÉ

Matusalém e Washington destacam que,

Segundo os relatos, a referida figura mitológica [Sumé] empenhava-se em ensinar determinadas leis, estabelecendo novo código moral, condenando a antropofagia e a poligamia; mas os homens se aborreciam com isso, principalmente os curandeiros que se sentiam ameaçados, passando a persegui-lo. Em alguns lugares, era vítima de flechas, saindo, porém, sempre incólume dos atentados sofridos. Insatisfeito com o procedimento traiçoeiro daqueles que ele julgava beneficiados com seus ensinamentos, retirava-se, andando de costas sobre as águas do mar, lago ou do grande rio de onde viera anteriormente, prometendo voltar para continuar sua obra civilizatória. O Mito do Sumé-Tomé rapidamente espalhou-se por toda a colônia brasileira e colônias espanholas da América do Sul. As pedras gravadas em baixo relevo, bem como as pinturas rupestres, são, segundo narrativas, pontos importantes do caminho pré-histórico da referida figura mitológica. Gravuras no mesmo estilo são encontradas na Bolívia e no Peru, confirmando a presença do herói mítico, que partiu do Brasil em direção aos Andes. As referidas gravuras tornaram-se uma marca da engenharia dos Incas, pois era desse modo, com a implantação de um pé humano, que se identificavam nas estradas peruanas a direção e as distâncias. Assim, a figura de Sumé é encontrada em praticamente toda a extensão das Américas (OLIVEIRA, 2011).

Segundo os autores, a história de Sumé evidenciaria a procedência andina do tupi “e, provavelmente, sua origem asiática”. De acordo com a tradição, o apóstolo Tomé, em seus esforços evangelísticos, teria percorrido Índia, China e até algumas ilhas da Oceania. “O nome desse apóstolo aparece entre os tupis, e isso serve como uma indicação importante de sua passagem também nas terras brasileiras.”

“Outro aspecto que se poderia ressaltar é uma suposição sobre a possível influência de Sumé e seus ensinamentos junto às tribos indígenas da região. Ao se analisar o painel da Pedra do Ingá, nota-se que existe uma organização sistemática nas gravuras, observando-se que poderia ser uma narrativa da criação similar ao relato bíblico. [...] Na primeira parte [das inscrições], encontram-se figuras relacionadas a plantas. Na segunda parte, figuras relacionadas a animais. Na terceira parte, figuras relacionadas a pessoas (OLIVEIRA, 2011).

## INTERFACE COM O RELATO BÍBLICO

Entre as várias teorias sobre a Pedra do Ingá, uma das mais debatidas é sua possível relação com a narrativa bíblica, sobretudo a do dilúvio de Gênesis. A hipótese se baseia em três fatores principais:

- a) *O enigma das inscrições*: Alguns pesquisadores sugerem que os símbolos esculpidos na Pedra do Ingá podem representar uma linguagem perdida, possivelmente de uma civilização antediluviana. Isso porque as figuras geométricas e espirais seriam, segundo essa linha de pensamento, representações simbólicas do dilúvio ou de outros fenômenos naturais descritos

na Bíblia. No alto do painel vertical, há uma espécie de linha pontilhada, formada por centenas de capsulares (círculos) escavados na rocha. Como que flutuando sobre as “ondas”, há uma espécie de embarcação de dentro da qual sai o que parece ser um pássaro. Abaixo da linha pontilhada, plantas, animais e seres humanos estariam como que submersos; acima da linha, à esquerda na rocha, está a aparente representação de dois cometas e, à direita deles, parte do disco solar e outros grafismos. Poderiam ser uma representação da arca de Noé, da ave liberada pelo patriarca, e abaixo das “ondas” o mundo antediluviano?

- b) *Conexão com o dilúvio universal:* Mitos sobre grandes inundações são comuns em várias culturas ao redor do mundo. A Bíblia descreve o dilúvio em Gênesis, e alguns teóricos acreditam que as inscrições da Pedra do Ingá possam ser um registro desse evento global. Além disso, as histórias pré-colombianas da América do Sul também fazem menção a inundações catastróficas, o que fortalece essa teoria.
- c) *Presença de povos antigos:* Com base na semelhança entre alguns símbolos da Pedra do Ingá e inscrições mesopotâmicas, especula-se que viajantes do Oriente Médio ou civilizações antigas mencionadas na Bíblia poderiam ter chegado à América do Sul antes das grandes navegações. Essa hipótese sugere uma conexão entre o monumento e registros históricos dessas civilizações.

No entanto, é importante acrescentar que ainda existem consideráveis questões míticas, históricas e teológicas para serem levantadas e avaliadas pela comunidade científica, para uma eventual aceitação de correlações entre a Pedra do Ingá e o dilúvio narrado na Bíblia.







“O Cântico Sagrado de Ingá”, pintura de Vanderley de Brito, 2009; Museu de História Natural de Ingá

## DESAFIOS E CRÍTICAS A ESSAS INTERPRETAÇÕES

Embora intrigantes, as teorias que ligam a Pedra do Ingá ao relato bíblico enfrentam diversos desafios, principalmente a falta de evidências científicas, já que não existem provas arqueológicas concretas que vinculem a Pedra do Ingá a civilizações bíblicas ou ao dilúvio; levando-se em conta que as inscrições ainda não foram decifradas, e que a maioria dos arqueólogos acredita que sejam representações de culturas indígenas locais, sem influência externa.

Destaque-se que na confrontação entre as interpretações simbólicas com a realidade, para alguns pesquisadores muitas das teorias que ligam a Pedra do Ingá aos relatos bíblicos baseiam-se em interpretações simbólicas ou alegóricas, levando-se em conta que a ciência, no entanto, exige como base de consistência evidências concretas e verificáveis.



Riacho Bacamarte e as “pegadas de Sumé”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedra do Ingá permanece um enigma fascinante para arqueólogos e teóricos de diversas áreas. As hipóteses que a vinculam ao relato bíblico do dilúvio são intrigantes, mas ainda carecem de comprovação científica sólida. Até que novas

evidências sejam encontradas, a interpretação que mais devemos aceitar é a de que as inscrições refletem o cotidiano de povos indígenas pré-históricos do Brasil.

Vale ressaltar ainda que a cultura popular brasileira, como a música de Zé Ramalho, desempenha papel significativo na construção de mitos e histórias em torno do monumento. Canções como “Segredos de Sumé” acrescentam uma dimensão cultural e simbólica à interpretação da Pedra do Ingá, perpetuando o mistério que envolve o Riacho Bacamarte e as “pegadas de Sumé”. Assim, cultura é cultivo, ser o que somos na vivência que vem de tradições e contextos sociais.

## REFERÊNCIAS

BETANCOURT, Jorge. **A Pedra de Ingá e os Mistérios do Passado Pré-colombiano**. São Paulo: Editora Arqueológica, 2010.

BRITO, Vanderley de. **A Pedra do Ingá**. Campina Grande, PB: Erick M. F. Brito Editor, 2017 (8ª edição).

CAVALCANTE, Tiago Leandro Vieira, “Apropriações e ressignificações do mito de São Tomé na América: a inclusão do índio na cosmologia cristã.” **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2008.

CORRÊA, Maria Lúcia. “As Inscrições Rupestres da Paraíba: Uma Revisão das Teorias.” **Revista Brasileira de Arqueologia**, v. 45, n. 2, 2017, pp. 120-137.

OLIVEIRA, Matusalém Alves e BORGES, Michelson, “O mistério da Pedra de Ingá e do Pai Sumé e a possível relação com o dilúvio de Gênesis.” <https://www.youtube.com/watch?v=sE8H4S79FVA&t=25s> Acesso em 27 de outubro de 2024.

OLIVEIRA, Matusalém Alves e MENEZES, Washington Luís Alves de. “Os ensinamentos de Sumé e a tradição Itacoatiara no contexto da Pedra do Ingá: pontes de contato com a narrativa bíblica do dilúvio.” **Hermenêutica**, v. 11, n. 2, 2011, pp. 93-111.

RAMALHO, Zé. “Segredos de Sumé.” **A Peleja do Diabo com o Dono do Céu**, 1979.

SANTOS, Eduardo. “A Pedra de Ingá e o Mito do Dilúvio Universal.” **Revista de Estudos Bíblicos e Arqueológicos**, v. 12, n. 1, 2019, pp. 45-60.

SILVA, Antônio Carlos da. **Civilizações Antediluvianas: Mito ou Realidade?** Rio de Janeiro: Editora Histórica, 2015.

“Sumé.” <https://www.youtube.com/watch?v=28GTxR-ZtZA> Acesso em 30/10/2024